

As marcas do capitalismo

Maria do Carmo Dias Batista

Cena 1

Tarde chuvosa em uma cidade grande. Na calçada de uma avenida, um menino, já grandinho, muito agitado, bate em duas mulheres com sua mochila. Emite gritos, urros, sons não reconhecíveis. Joga-se no chão algumas vezes, as mulheres tentam segurá-lo, ele se atira no chão mais uma vez, levanta-se subitamente, gritando, passa no vão entre dois carros estacionados e joga-se na frente de outro que passava na avenida com alguma velocidade. Atirado longe, tem traumatismo craniano. O motorista do carro, atônito e em desespero, se aproxima do menino caído no asfalto. Uma das mulheres diz, de imediato, que a culpa não foi dele, pois se trata de uma criança autista muito agitada que ninguém consegue segurar. Chega o socorro médico, a polícia. Ouve-se a palavra "autista" por todos os lados na pequena multidão que se forma. A mãe e o pai estão trabalhando.

Várias marcas do capitalismo estão presentes nesta cena. Automóveis em profusão estacionados dos dois lados da avenida sem um espaço sequer, e outros em trânsito, rodando; mochila; os aparatos de socorro médico, imobilizador de coluna cervical, maca desdobrável, pequeno balão de oxigênio, fitas de imobilização; ambulância vermelha; os trabalhadores: paramédicos, policiais, motoristas, bombeiros, os pais da criança; a palavra "autista"; a substituta dos pais.

Essas "mercadorias" têm seu valor determinado, segundo Marx em "Teoria da forma particular do valor da mercadoria"¹, pela sua forma. Há uma equivalência geral onde, por exemplo, a roupa usada pelo paramédico pode

representar o valor do tecido². Ou a mochila "de marca" da criança pode representar seu estatuto social. Onde a palavra "autista" equivale a um sentido que representa o valor adquirido pelas classificações médicas atuais. A mercadoria "trabalho" tem valor essencial na cena.

Os trabalhadores, todos eles, inclusive os pais da criança, ao trabalharem, produzem a mais-valia, isto é, o lucro do capital ou do capitalista. A mais-valia é a parte do valor da produção que não volta para o trabalhador. Esta dimensão é a do tempo, um tempo que não se recupera nunca. Com o capitalismo, o próprio trabalho se tornou uma mercadoria que não é feita para ser consumida, mas para ser trocada, para produzir sempre "mais-valia", mais lucro.

Um famoso pensamento de Marx ilustra bem a dimensão do tempo perdido com o trabalho:

Quanto menos comes, bebes, compras livros, vais ao teatro e ao café, pensas, amas, teorizas, cantas, sofres, praticas esporte, etc., mais economizas e mais cresce o teu capital. 'És' menos, mas 'tens' mais. Assim, todas as paixões e atividades são tragadas pela cobiça.

Poderíamos dizer, interpretando este pensamento de Marx, que o trabalho anularia a vida.

Cena 2

Outubro de 2012, manifestação em São Paulo. A manchete da *Folha de São Paulo* dizia: "Performance na Av. Paulista critica 'aprisionamento ao trabalho'"³. Na hora do almoço, 25 executivos, homens usando terno e gravata e mulheres *tailleurs* e saltos altos, pareciam feitos de pedra, andavam lentamente com os olhos vendados sem manifestar qualquer emoção. Cada um deles estava coberto com 5 kg de argila. A caminhada "Executivos de Pedra" visava criticar a prisão representada pelo trabalho, que deixa diariamente o corpo paralisado.

As duas cenas descrevem sintomas sociais e marcas do capitalismo. Sintomas na própria concepção de Marx. Se Marx inventa o sintoma na transição entre feudalismo e capitalismo, quando o indivíduo, sob a ilusão da liberdade, reprime a verdade de que continua sendo dominado e explorado, podemos ver nas duas cenas contemporâneas a mesma "repressão" à verdade, onde o sujeito e as construções sociais estão massificados, coisificados, fetichizados (podemos dizer que o famoso fetichismo da mercadoria está presente na designação "autista" da Cena 1).

Lacan, em 1946, no escrito "Formulações sobre a causalidade psíquica"⁴, ao citar Marx, coloca-o em série com Sócrates, Descartes e Freud, aqueles que não podem ser superados na medida em que conduziram suas investigações com a paixão de desvelar que tem como objetivo a verdade.

Se o sintoma, para Freud, demonstra no corpo a verdade inconsciente, antes dele Marx chamava de sintoma a perda do interesse pelo dinheiro, que escondia a verdade do ganho de capital sobre o desperdício da riqueza, a transformação da propriedade privada em capital industrial, a vitória da propriedade privada sobre todas as qualidades aparentemente humanas e a sujeição do dono da propriedade ao trabalho.

E é do produto do trabalho (trabalho do trabalhador) que o capitalista goza, sua mais-valia. Por isso, e, sobretudo, por fazer equivaler, antes de Freud, o sintoma à verdade (recalcada), que Lacan considera Marx "o inventor do sintoma".

Cito Lacan no *Seminário 16*:

Marx parte da função do mercado. Sua novidade é o lugar em que ele situa o trabalho nesse mercado. Não se trata de o trabalho ser novo, mas de ele ser comprado, de haver um mercado de trabalho. É isso que permite a Marx demonstrar o que há de inaugural em seu discurso, e que se chama mais-valia⁵.

A relação entre o que sobra do trabalho (mais-valia), a renúncia ao gozo, e o que sobra dessa renúncia (mais-de-gozar), é muito trabalhada por Lacan em diferentes *Escritos e Seminários*. Porém,

[...] o que há de novo é existir um discurso que articula essa renúncia (ao gozo) e nela faz evidenciar o mais-de-gozar, que permite isolar a função do objeto a [...] como efeito do próprio discurso. É essa a essência do discurso analítico⁶.

Não é diferente no sintoma. Se o homem é determinado pela particularidade de seu inconsciente e pela maneira como goza disso, então, o sintoma permanece no mesmo lugar em que o deixou Marx, porém com um sentido particular, diferente do social. Termino com uma citação de Lacan em "RSI": "Os sintomas particulares têm tipos (formas) e o sintoma obsessivo não é o sintoma histérico"⁷. Também podemos considerá-los marcas do capitalismo.

Retomando as duas cenas, somente o discurso analítico pode dirimir os efeitos massificadores do capitalismo e de seus sintomas.

¹ MARX, K. (2010[1867]). *O Capital. Crítica da Economia Política*, vol. 1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

² LACAN, J. ([1957-1958]1999). *O seminário, livro 5: as formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, p. 86

³ PRADO, A. (18 de outubro de 2012). "Performance na avenida Paulista critica 'aprisionamento ao trabalho'". In: *Folha de S. Paulo*. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidiano/72710-performance-na-avenida-paulista-critica-aprisionamento-ao-trabalho.shtml>>.

⁴ LACAN, J. (1998[1946]). "Formulações sobre a causalidade psíquica". In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, p. 194.

⁵ IDEM. (2008[1968-1969]). *O seminário, livro 16: de um Outro ao outro*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., p. 16-17.

⁶ IDEM. *Ibidem*, p. 18-19.

⁷ IDEM. ([1974-1975]). "RSI". Seminário inédito, aula de 18/02/1975.